

# Remix Ensemble

Casa da Música

# Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

# Coro

Casa da Música

**Pedro Neves** *direcção musical*

**Vassily Sinaisky** *direcção musical*

**Christina Daletská** *soprano*

**1 Maio 2016**

**18:00 Sala Suggia**

–

MÚSICA & REVOLUÇÃO

ANO RÚSSIA



casa da música

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE MECENAS MÚSICA CORAL

**SONO SIERRA** **Allianz** 

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

**resco**  
RESCUE  
RESCUE

**REMA**  
REMA  
REMA

**EUROPE JAZZ NETWORK**

**ECHO** EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION

**TENSO**

1ª PARTE

**Remix Ensemble Casa da Música**

**Pedro Neves** *direcção musical*

**Christina Daletska** *soprano*

**Sofia Gubaidulina**

*Concordanza* (1971; c.12min.)

**Edison Denisov**

*La vie en rouge* (1973; c.24min.)\*

1. *J'aimerais*
2. *La vraie rigolade*
3. *La java des bombes atomiques*
4. *Valse Jaune*
5. *Le prisonnier*
6. *Pourquoi que je vis*
7. *La dernière valse*

2ª PARTE

**Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Coro Casa da Música**

**Vassily Sinaisky** *direcção musical*

**Dmitri Chostakovitch**

Sinfonia n.º 3, em Mi bemol maior, *O 1º de Maio* (1929; c.30min.)\*\*

\*Tradução dos textos originais nas páginas 6 a 10

\*\*Tradução do texto original na página 12

## As vanguardas e a burocracia soviética: Sofia Gubaidulina e Edison Denisov

A adopção do realismo socialista na União Soviética enquanto paradigma estético oficial teve um grande impacto na produção artística desse país a partir da década de 30. Esse processo traduziu-se na desvalorização das vanguardas de tendência cosmopolita, condicionando a produção de compositores como Roslavets e Miaskovski. A criação da União dos Compositores Soviéticos em 1932 colocou a actividade musical sob a alçada de uma autoridade burocrática. Tal como instituições congéneres nas outras artes, a União dos Compositores Soviéticos controlava a actividade musical oficial. A Segunda Guerra Mundial, conhecida na União Soviética como Grande Guerra Patriótica, fez com que os esforços das autoridades culturais do regime se centrassem na propaganda ao esforço de guerra e ao regime. Assim, a promoção do patriotismo absorveu os recursos artísticos da União Soviética durante um período alargado. Com o fim do conflito, a centralização burocrática racionalizou-se e intensificou-se com a escolha de Andrei Zhdanov para supervisionar a política cultural soviética. Em 1946 iniciou-se uma cruzada oficial contra o “formalismo”, uma característica negativa associada pelas autoridades à “arte burguesa”. Assim, a “arte proletária”, uma arte que transcendia as tradições musicais associadas à sociedade burguesa e que era compreensível para o povo, tornava-se sinónimo de realismo socialista. A realização do Primeiro Congresso da União dos Compositores Soviéticos em Abril de 1948 reforçou essa linha, criticando publicamente alguns dos maiores compositores soviéticos da altura, como

Chostakovitch e Prokofieff. Nessa época, o Secretário-Geral da instituição era o compositor e pianista Tikhon Khrenikov (1913-2007), que ocupou o cargo até ao fim da União Soviética em 1991. Os compositores publicamente denunciados pela União nesse congresso só foram oficialmente reabilitados após a morte de Estaline. Assim, os esforços de alguns modernistas foram associados à decadência da arte ocidental burguesa e os modelos promovidos fundiram influências do Romantismo nacionalista com a celebração do regime.

Esse cenário de fundo foi onde se desenvolveram as vanguardas soviéticas do pós-Segunda Guerra Mundial. A criação de conservatórios inspirados nos modelos de Leninegrado e de Moscovo, instituições fundadas no século XIX e adaptadas às novas realidades, nas diversas regiões e repúblicas da União Soviética fomentou a circulação de uma estética simultaneamente folclorista e proletária. Essa rede de instituições de ensino alargou o acesso das pessoas ao ensino da música e contribuiu para a disseminação dos cânones estéticos do regime. Nessas escolas formaram-se destacados compositores, intérpretes e directores de orquestra. Por exemplo, **Sofia Gubaidulina** (Chistopol, 24 de Outubro de 1931) iniciou os estudos musicais no Conservatório de Kazan, a capital da República Socialista Soviética Autónoma do Tartaristão; e **Edison Denisov** (Tomsk, 6 de Abril de 1929 – Paris, 24 de Novembro de 1996) estudou no Conservatório de Tomsk, na Sibéria – ambas escolas periféricas. Posteriormente, prosseguiram os estudos no Conservatório de Moscovo na década de 50, período em que o pós-serialismo era o cânone dominante das vanguardas ocidentais.

A abertura de um estúdio de música electrónica em Moscovo em 1966 atraiu Gubaidu-

lina e Denisov, que produziram algumas obras nessa instituição. As composições que iremos ouvir neste concerto foram escritas no início da década de 70. Nesse período, já se encontravam instituídos alguns cânones artísticos que não se enquadravam nos modelos oficiais do realismo socialista, e a concorrência com o Ocidente permitiu que algumas vanguardas musicais gozassem de maior exposição. Assim, compositores como Gubaidulina, Denisov, Andrei Volkonski, Alfred Schnittke e Valentin Silvestrov tiveram a possibilidade de apresentar regularmente as suas obras.

**Concordanza** é uma obra que marca o afastamento de Gubaidulina dos modelos de inspiração serial, patentes na cantata *Noite em Mônfis*. Escrita para conjunto de câmara em 1971, a obra foi estreada no mesmo ano no Festival Internacional de Música da Primavera, realizado em Praga. Como em muitas obras da compositora, há uma relação forte entre misticismo religioso e técnicas musicais. Assim, grupos de parâmetros expressivos que incluem a articulação, o método de produção sonora, o ritmo e a textura são contrapostos numa macro-forma. A relação entre grupos de função dissonante e consonante torna-se então a base para o desenrolar de *Concordanza*. A obra começa com melodias sinuosas que percorrem o espectro sonoro, dando lugar a um episódio mais estático em que a textura se vai adensando e tornando mais cinética. Um solo de clarinete, ao qual se juntam o oboé, a flauta, a trompa e a percussão, antecede uma secção em que as melodias angulares das cordas dominam. A escrita quase pontilhística e a sucessão de contrastes de dinâmicas e registos reforçam a expressividade de uma obra construída a partir de uma sucessão de momentos contrastantes. Assim, *Concordanza*

alterna secções estáticas, em que a melodia tem primazia, com momentos mais movimentados, por vezes baseados em *ostinati*. Paralelamente, Gubaidulina compõe momentos em que os instrumentistas recorrem a técnicas menos ortodoxas para a produção sonora.

Se há bastantes pontos em comum entre Gubaidulina e Denisov, também há diferenças significativas. Por exemplo, a obra de Gubaidulina era pouco conhecida no Ocidente até à década de 80. Contrariamente, a produção de Denisov era apresentada regularmente a partir de meados da década de 60. Se Gubaidulina se fixou em Hamburgo em 1992, após o fim da União Soviética, Denisov desenvolveu a sua carreira internacional através de viagens regulares a França, onde se fixou definitivamente em 1994. Um aspecto central na obra de Denisov é o interesse pela cultura francesa, reflectido em *La vie en rouge*. Escrito em 1973, esse ciclo de canções para conjunto de câmara é baseado em textos do escritor francês Boris Vian (1920-1959). O fascínio do compositor pela escrita de Vian prosseguiu, tendo escrito a ópera *A espuma dos dias* (baseada no romance homónimo) em 1981. *La vie en rouge* mistura elementos associados ao serialismo com uma aproximação à música popular da época. Com uma instrumentação próxima de *Pierrot Lunaire*, de Arnold Schoenberg, e com uma estética caricatural de cabaret onde pontifica o jazz, *La vie en rouge* é uma sucessão de elementos heterogéneos. As sete canções encarnam a veia humorística de Vian, o que é traduzido e enfatizado por Denisov. Marchas militares, distorções atonais da música popular, citações de *A Marselhesa*, secções aproximadas do registo falado, tudo é usado num mosaico expressivo descontínuo. Assim, o exagero da banalidade assume contornos

humorísticos e provocadores. Curiosamente, o mesmo Khrenikov que lançou um ataque contra o formalismo, nos anos 40, denunciou compositores como Gubaidulina e Denisov no Sexto Congresso da União de Compositores Soviéticos, realizado em Novembro de 1979, pela participação não autorizada em festivais de música contemporânea no Ocidente. Os espectros de Estaline e de Zhdanov continuaram a assombrar os vanguardistas várias décadas após a sua morte.

## **Edison Denisov**

*La vie en rouge*

Poemas de Boris Vian

### **1. Gostaria**

Gostaria  
De vir a ser um grande poeta  
E que as pessoas me pusessem  
Muitos louros na cabeça  
Mas enfim  
Não tenho  
Gosto suficiente pelos livros  
E penso demais em viver  
E penso demais nas pessoas  
Para estar sempre contente  
Por apenas escrever palavras que voam.

### **2. A verdadeira diversão**

No metro cheira mal  
E não se pode lá fazer nada:  
“É proibido cuspir sangue”.  
“É proibido fazer cura de arnques”.  
Os lugares marcados sete e oito  
Estão reservados para os esqueletos,  
Os leprosos e os jesuítas  
Por ordem de prioridade.  
Mas saindo, temos de deitar

Os cadáveres no cesto  
E no Luxemburgo é igual  
“É proibido comer as azedas”  
“É obrigatório segurar os caixões pela trela”  
“Não pisar o padre”  
E para descansar a parte traseira  
Ainda é preciso puxar a cadeira.  
Vem ao bar pois é bem mais giro!  
Podemos levar a nossa taça  
Podemos cuspir todo o sangue que queremos  
Deixar os caixões divertirem-se  
Dançar o swing em cima do padre  
E fazer cura de cabeças cortadas  
Não é muito melhor? Não é muito melhor?

### **3. A java das bombas atômicas**

Meu tio, um grande engenhocas,  
Fabricava, como amador,  
Bombas atômicas  
Sem nunca ter aprendido nada  
Era um verdadeiro gênio  
No que toca à parte prática  
  
Fechava-se durante todo o dia  
No fundo do atelier  
Para fazer experiências  
E à noite voltava para casa  
E punha-nos em transe  
Contando-nos tudo

Para fazer uma bomba A  
Meninos, acreditem,  
É realmente canja  
A questão do detonador  
Resolve-se num quarto de hora  
É daquelas que é limpinho

E quanto à bomba H  
Não é muito mais difícil  
Mas uma coisa me preocupa  
É que as que eu fabrico  
Só têm um raio de acção  
De três metros e cinquenta

Há algo ali que não bate certo,  
Volto para lá imediatamente

Trabalhou dias a fio  
Tentando com amor  
Aperfeiçoar o modelo  
Quando almoçava connosco  
Engolia de uma só vez  
A sopa de massa fina

Via-se pelo seu ar feroz  
Que lhe tinha calhado um osso  
Mas ninguém se atreveu a dizer nada  
E então uma noite, durante o jantar,  
Eis que o tio suspira  
E nos diz o seguinte

À medida que vou envelhecendo  
Agora compreendo  
Tenho o cérebro que me prega partidas  
Falemos a verdade, digamos a palavra  
Já nem sequer é um cérebro  
É antes um molho branco

Há meses e anos  
Que tento aumentar  
O alcance da minha bomba  
E não me apercebi  
Que a única coisa importante  
É o lugar onde ela cai

Há algo ali que não bate certo,  
Volto para lá imediatamente

Sabendo o desfecho próximo  
Todos os grandes chefes de Estado  
Lhe fizeram uma visita  
Ele recebeu-os e pediu desculpas  
Por a sua cabana  
Ser tão pequena

Mas assim que eles entraram todos  
Fechou-os lá dentro  
Dizendo "Portem-se bem!"  
E quando a bomba explodiu  
De todas estas figuras  
Nada se aproveitou

O tio, perante este desenlace,  
Não se desmascarou  
E fez-se de parvo  
Arrastaram-no para o tribunal  
E perante os jurados  
Ei-lo a gaguejar

Meus Senhores, foi uma terrível coincidência  
Mas juro por Deus,  
Em minha alma e consciência,  
Que ao destruir todos esses malucos  
Estou plenamente convencido  
De ter prestado um serviço à França

Eles ficaram atrapalhados  
A seguir o condenaram  
E depois o amnistiaram  
E o país reconhecido  
Elegeu-o imediatamente  
Chefe do Governo

#### 4. Valsa amarela

Há sol na rua  
Eu gosto de sol mas não gosto de gente  
E fico escondido sempre  
Protegido pelas venezianas de aço preto

Há sol na rua  
Eu gosto da rua mas só quando ela adormece  
Espero que o dia morra  
E vou sonhar passeios fora

E o sol  
Do outro lado do mundo  
Dança a *valse blonde*  
Com a terra redonda, redonda, redonda,  
redonda  
O sol  
Brilhante como um fauno  
Dança uma valsa amarela  
Para os do outro céu

Mas eu tenho a noite no meu bolso  
E a lua que faz  
Sombra no canto dos telhados  
Eu vejo todos os sonhos que esvoaçam  
Como faixas lentas  
E se perdem ao longe

E o sol  
Sempre à roda da Terra  
Volta sem trégua  
E a rua enche-se de trabalho e barulho  
Então  
É aí que eu desconfio...

Pois há trabalho na vida  
Eu não gosto do trabalho, mas gosto da vida  
E vou ver como é  
Sem fazer muito porém

Há quem não perceba nada da vida  
Seis horas da manhã e já a pé  
O que provoca realmente um efeito estranho  
Que repugna quase tanto como a chuva

E o sol  
Do outro lado do mundo  
Dança a *valse blonde*  
Com a terra redonda, redonda, redonda,  
redonda  
O sol  
Brilhante como um fauno  
Dança uma valsa amarela  
Para os do outro céu

Mas eu tenho a noite no meu bolso  
E a lua que faz  
Sombra no canto dos telhados  
Eu vejo todos os sonhos que esvoaçam como  
faixas lentas  
E se perdem ao longe

E o sol  
Sempre à roda da Terra  
Volta sem trégua  
E a rua enche-se de trabalho e barulho  
Então  
Meto-me na cama...

#### 5. O prisioneiro

Um soldado arrastava-se pela estrada  
Ambos os pulsos amarrados  
Um soldado arrastava-se pela estrada  
Com os seus velhos sapatos  
Ao longo da cidade  
Havia viúvas  
Ao vê-lo tão triste  
Começam a chorar  
Caminha, valente soldado, caminha  
Na estrada, caminha



Pois eles fizeram-te prisioneiro

Puseram-no numa fortaleza  
Ambos os pulsos amarrados  
Puseram-no numa fortaleza  
Pelos pés pendurado  
Alguns homens vieram  
Com lâminas afiadas  
O sangue na sua pele nua  
Começa a gotejar  
Fala, valente soldado, fala  
Tens que falar  
Pois tu és prisioneiro

Se eu digo o que não quero dizer  
Poderei ir embora  
Se eu digo o que não quero dizer  
Vão libertar-me  
Mas se eu quiser ficar em silêncio  
Nunca mais verei  
Minha esposa, nem minha mãe,  
Nem meus filhotes  
Chora, valente soldado, chora  
Tens que chorar  
Como os prisioneiros

Quando denunciou os seus companheiros  
Deixaram-no partir  
Quando denunciou os seus companheiros  
Deixaram-no partir  
Carregando a sua pobre vergonha  
E o seu pobre corpo ferido  
Arrastando-se pela estrada  
Com os seus velhos sapatos  
Caminha, valente soldado, caminha  
Na estrada, caminha  
Pois eles libertaram-te

Quando voltou para casa  
O tempo tinha passado  
Quando voltou para casa

Uma carta encontrou  
Perdoa-me, meu esposo,  
Não podemos  
Dormir sempre com um sonho  
E prescindir do amor  
Morre, valente soldado, morre  
Mais vale morreres  
Pois serás enterrado...

## **6. Porque é que eu vivo**

Porque é que eu vivo  
Porque é que eu vivo  
Pela perna dourada  
De uma mulher loura  
Encostada à parede  
Sob o sol escaldante  
Pela vela redonda  
De uma embarcação do porto  
Pela sombra dos estores  
Pelo café gelado  
Que bebemos por um tubo  
Para tocar na areia  
Ver o fundo do mar  
Que fica tão azul  
Que desce tão fundo  
Com os peixes  
Os peixes serenos  
Que encham o fundo  
E voam acima  
Das algas filamentosas  
Como pássaros lentos  
Como pássaros azuis  
Porque é que eu vivo  
Porque é bonito

## 7. A última valsa

Último jornal  
Último croissant  
Manhã trivial  
Transeuntes  
E é o fim do problema  
Último sol  
Última oportunidade  
Último café  
Último centavo  
Adeus, vou deixar-vos

Último hotel  
Último amor  
Último beijo  
Último dia  
Adeus às coisas que amo  
Último remorso  
Última melancolia  
Último cenário  
Última noite  
Vou deixar-vos sem dizer adeus

Última valsa e nenhum futuro  
Última valsa com aroma a jasmim  
O meu coração já não sofre  
Nos cais do rio Sena

Última despedida  
Um pouco para vós  
Última esperança  
Último tudo  
Dormi, a noite está tão calma  
Último passeio  
Última beata  
Último olhar  
Último salto  
Nada mais que um grande círculo na água...

Tradução: Carla Basto

## A Terceira Sinfonia de Chostakovitch e o calendário revolucionário soviético

Ao longo do século XIX, *O Primeiro de Maio* era festejado um pouco por todo o Império Russo como uma celebração da Primavera. O escritor de viagens alemão Johann Georg Kohl (1808-1878) fez referência a essas festas campestres na sua obra *Rússia e os Russos em 1842*. Contudo, o significado da data mudou em 1889, quando o Congresso da Segunda Internacional Socialista, reunido em Paris, decretou o Primeiro de Maio como Dia Internacional dos Trabalhadores. No Império Russo, as comemorações desse Dia do Trabalhador foram proibidas até à Revolução de Fevereiro de 1917. Mesmo assim, a data era marcada por greves e comícios ilegais nas cidades em que os movimentos operários estavam mais bem implementados. A primeira comemoração livre desse dia deu-se em 1917, com uma grande adesão da população russa e com omnipresença de *slogans* do Partido Bolchevique. No ano seguinte, após a Revolução de Outubro de 1917, as celebrações foram dominadas por esse partido e a crónica publicada no jornal *Izvestiya* a 3 de Maio refere os discursos, os cortejos, a decoração dos principais edifícios, a adesão da população e os cânticos revolucionários, como *A Internacional* e *A Marselhesa*. Tal como outros regimes, os bolcheviques instituíram comemorações próprias em torno de datas importantes para o novo poder. Assim, o Primeiro de Maio tornou-se uma data central no novo calendário.

O jovem **Dmitri Chostakovitch** (São Petersburgo, 25 de Setembro de 1906 – Moscovo, 9 de Agosto de 1975) testemunhou as revolu-

ções em Petrogrado (o nome de Leninegrado entre 1914 e 1924) e tentou captar a atmosfera da Revolução de Outubro em diversas obras, como a Sinfonia n.º 2, *Dedicada a Outubro*, composta no décimo aniversário do evento (e tocada nesta sala há dois dias); a Sinfonia n.º 12, *O ano de 1917*, e o poema sinfónico *Outubro*. Na juventude, o compositor planeou escrever um ciclo de sinfonias em torno dos feriados soviéticos. Assim foi concebida a Sinfonia n.º 3, *O 1.º de Maio*, uma das suas obras menos conhecidas. Chostakovitch compôs a sinfonia em 1929 e apresentou-a ao Conservatório para admissão nos estudos pós-graduados. A 21 de Janeiro de 1930, no sexto aniversário da morte de Lenine, a obra foi estreada na Casa da Cultura do Bairro de Moscovo-Narva, pela Orquestra Filarmonica de Leninegrado e pelo Coro Académico Estatal, sob a direcção de Aleksandr Gauk. Esse edifício, cuja sala podia acomodar 2.200 pessoas, foi construído entre 1925 e 1927, apresentando-se como um dos primeiros exemplos do estilo modernista e despojado da arquitectura construtivista soviética.

A estreia da Sinfonia n.º 3 foi ofuscada pela primeira apresentação de outra obra de Chostakovitch, a ópera *Onariz*. Inspirada num conto de Gogol, a obra foi bem recebida pelo público, apesar das críticas negativas que categorizaram a música como “formalista” pela primeira vez. Isso indiciou uma transformação na arte soviética. Enquanto estudante de composição, o compositor gozava de alguma liberdade criativa, garantida por um decreto partidário de 1 de Julho de 1925. Paralelamente, a Associação para a Música Contemporânea, fundada pelo compositor Nikolai Roslavets, desenvolvia um importante trabalho de apresentação de repertórios modernistas internacionais. Mais tarde, essa associação foi relegada para segundo

plano, ganhando primazia a Associação Russa de Músicos Proletários, que defendia que a arte deveria ter um conteúdo proletário e ser compreensível para o povo. Assim, Chostakovitch foi criticado pelos seus critérios estéticos (que se fundiam com os políticos) ao mesmo tempo que apresentou uma sinfonia inspirada nos movimentos laborais, revelando a ambiguidade da sua relação com o poder instituído.

Tal como a Sinfonia n.º 2, a Sinfonia n.º 3 é escrita num único andamento dividido em secções contrastantes, terminando com um coro. Inicialmente, o compositor musicaria um texto do poeta Demian Bedny. Contudo, o texto final é da autoria de Semion Kirsanov. Kirsanov foi um poeta associado ao Futurismo soviético e o seu texto aponta para o futuro do proletariado revolucionário enquanto comemora o Primeiro de Maio. Ao contrário do que seria expectável no género, a repetição temática não é uma característica formal da Sinfonia n.º 3. Assim, a abundância de material temático, apresentado em sucessão e sobreposição, é uma característica central na obra. Paralelamente, muito desse material é distribuído por diversos conjuntos de câmara seleccionados na orquestra. Exemplo disso é o início da obra, com os solos dos clarinetes evocando uma melodia de sabor tradicional. Paralelamente, remete para o universo sonoro de Leninegrado nesse período, misturando marchas militares, fanfarras, canções de trabalhadores, música tradicional e música popular urbana da época numa longa rapsódia que atinge o clímax com a intervenção do coro. Assim, o público encontrou uma macro-forma escrita numa linguagem musical que reflectia o quotidiano ao qual estava habituado, uma espécie de desfile político com claros ecos proletários, transformado numa obra de concerto.

## **Dmitri Chostakovitch**

Sinfonia n.º 3, o 1º de Maio

Texto: Semion Isaakovitch Kirsanov

No primeiro 1º de Maio,  
Foi lançado brilho sobre passado.  
O fogo da faísca soprada,  
Cobriu as florestas.

Pelo ouvido dos pinheiros murchos  
As florestas ouviam atentamente  
Os ainda jovens de Maio  
Vozes, sussurros.

Vozes, sussurros –  
Primeira faixa de Maio,  
Solta o fogo  
Aos olhos do futuro.

O nosso 1º de Maio,  
Na dor do assobio das balas,  
Agarrando no revólver e na baioneta,  
Tomava o palácio do Czar.

O conquistado palácio do Czar –  
Isto é ainda o nascer do Maio,  
Seguindo em frente,  
Iluminado pela luz das bandeiras.

O nosso 1º de Maio é –  
Para o futuro – como vela  
Que sobre o mar das terras aráveis  
Se enfuna ao vento.

Novas velas –  
Nova fase de Maio,  
Solta o fogo  
Aos olhos do futuro.

Fábricas e colónias,  
Vamos levantar a parada de Maio.  
Vamos apertar a terra entre os joelhos –  
Chegou a nossa hora.

Ouçam, proletários,  
O discurso das nossas fábricas,  
Lançando fogo ao antigo,  
Acendemos a nova realidade.

Levantando o sol das bandeiras,  
A marcha faz estrondo nos ouvidos.  
Cada 1º de Maio  
É um passo para o socialismo.

O 1º de Maio – é um passo  
Das minas agarraram na espingarda.  
Na praça, a revolução,  
Dá um passo de milhão.

Tradução: Svitlana Oksyuta

## **Pedro Neves** *direcção musical*

Pedro Neves é Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e assumiu recentemente o cargo de Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. É doutorando na Universidade de Évora, tendo como objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Filarmónia das Beiras, Orquestra da Cidade de Joensuu (Finlândia) e Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado, dirigindo *A Bela Adormecida* de Tchaikovski.

No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble – com o qual estreou obras de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões na Coreia do Sul e no Japão –, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble Casa da Música.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas e que sido recebido de forma elogiosa pelo público e pela crítica especializada. Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, estudando violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direcção de orquestra estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo a licenciatura na Academia Nacional Superior de Or-

questra. Estudou ainda com Emilio Pomàrico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

## **Vassily Sinaisky** *direcção musical*

A carreira internacional de Vassily Sinaisky foi lançada em 1973, com a conquista da Medalha de Ouro no prestigiante Concurso Karajan em Berlim. No início do seu percurso trabalhou com Kirill Kondrashin na Filarmónica de Moscovo e com Ilya Musin no Conservatório de Leninegrado, o que lhe garantiu uma preparação muito sólida. Pouco depois do Concurso Karajan, foi nomeado Maestro Titular da Orquestra Sinfónica da Letónia, um mandato que durou de 1976 a 1987. Tornou-se depois Director Musical e Maestro Titular da Filarmónica de Moscovo, liderando numerosos projectos importantes desta orquestra, na Rússia e em digressão.

Na temporada de 2015/16 dirige as Filarmónicas de São Petersburgo, Dresden e BBC, Sinfónicas da Rádio SWR de Estugarda, Sinfónicas de Lahti, Stavanger, Cidade de Birmingham, St. Louis e Seattle, uma produção de *O Anjo de Fogo* de Prokofieff na Komische Oper Berlim e *A Dama de Espadas* na Ópera Húngara.

Vassily Sinaisky colabora regularmente com agrupamentos como a Orquestra de Cleveland, Filarmónicas de Los Angeles, Londres e Checa, e Sinfónicas da Rádio de Berlim e de Estugarda. Nas temporadas mais recentes dirigiu também as orquestras do Concertgebouw de Amesterdão e da Gewandhaus de Leipzig, Sinfónica NDR de Hamburgo, Filarmónica da Radio France e Sinfónica NHK de Tóquio.

Vassily Sinaisky é Maestro Emérito da Filarmónica da BBC e Maestro Honorário da Sinfónica de Malmö (Suécia). Entre os projectos mais marcantes com a Filarmónica da BBC incluem-se o festival “Shostakovich and his Heroes”, digressões na Europa e China e várias participações nos BBC Proms. Com a Sinfónica de Malmö, realizou digressões no Reino Unido, apresentou-se no Concertgebouw de Amesterdão e gravou um ciclo aclamado de quatro discos com as sinfonias de Franz Schmidt. Foi Maestro Convidado Principal da Filarmónica dos Países Baixos e Director Musical da Orquestra Estatal Russa. Entre 2010 e 2013, foi Maestro Titular e Director Musical do Teatro Bolshoi e dirigiu aclamadas produções incluindo *O Galo de Ouro* de Rimski-Korsakoff (direcção cénica de Kirill Serebrennikov) e a primeira encenação em Moscovo d’*O Cavaleiro da Rosa* de Richard Strauss (direcção cénica de Stephen Lawless).

Vassily Sinaisky dirigiu novas produções de *Iolanta* e *Francesca da Rimini*, com Stephen Lawless, no Theater an der Wien (Viena), e *Boris Godunov* na Ópera de São Francisco. Outros projectos a destacar foram *Carmen* e *O Cavaleiro da Rosa* para a English National Opera e a aclamada produção de *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* com Hans Neuenfels para a Komische Oper Berlin.

Para além dos discos com as sinfonias de Franz Schmidt para a Naxos, com a Sinfónica de Malmö, a discografia de Vassily Sinaisky inclui gravações com a Filarmónica da BBC de obras de Chostakovitch, Tchaikovski, Rimski-Korsakoff, Shchedrin, Glinka, Liadov, Schreker e Szymanowski. Vassily Sinaisky é um professor notável e influente, leccionando Direcção de Orquestra no Conservatório de São Petersburgo.

## Christina Daletska soprano

Christina Daletska é uma das cantoras mais interessantes e versáteis da sua geração. Aclamada como “uma descoberta” pela interpretação da *Missa Solemnis*, na sua estreia na Tonhalle de Zurique com 24 anos, tem sido largamente elogiada pela imprensa. As suas raras capacidades musicais permitem-lhe atingir um alto nível na interpretação de repertório desde o Renascimento até ao século XXI.

Christina Daletska ganhou projecção internacional quando fez a sua estreia enquanto Rosina aos 23 anos no Teatro Real de Madrid, a que se seguiram actuações em Lyon (*Don Giovanni* de Mozart e *Moskau* de Chostakovitch), Graz (*As Bodas de Fígaro*) e Festival de Lucerna (*A Flauta Mágica*). Nos últimos anos estreou-se no Barbican Centre (*Idomeneo*) e no Teatro dos Campos Elísios com a Orquestra de Câmara Mahler (*Otelo*), dois palcos a que regressou enquanto Annio (*La Clemenza di Tito* com a Orquestra de Câmara de Bremen).

É convidada regular da Ópera de Zurique (*O Barbeiro de Sevilha*, *As Bodas de Fígaro* e *La Scala di Seta*), Festspielhaus Baden-Baden (*Idomeneo*, *Carmen*, *Traviata* e *Otelo*) e Festival de Salzburgo onde cantou *Folk Songs* de Berio com a Orquestra Mozarteum sob a direcção de Ivor Bolton, e o papel de Amor em *Das Labyrinth* de Peter von Winter.

A expressividade singular da sua voz e a sua inteligência musical fazem de Christina Daletska uma intérprete ideal de canções, e os recitais com programas inovadores têm-na levado a apresentar-se por toda a Europa. O interesse por música contemporânea cresceu desde que fez a sua primeira estreia mundial, em Estrasburgo no ano de 2007 – o seu sentido irrepreensível de afinação tornam-na uma

intérprete natural deste tipo de repertório. Estreou recentemente *Gesänge-Gedanken* de Manoury em Oslo, com o BIT20, apresentando posteriormente a mesma obra com o Ensemble intercontemporain em Paris e Bordéus. Cantou *An Index of Metals* de Romitelli no Festival Borealis em Bergen, com o BIT20 dirigido por Baldur Brönnimann, e *Prometeo* de Nono com Ingo Metzmacher e Sinfónica SWR em Amesterdão e Zurique. Com a mesma peça, estreou-se na Ruhrtriennale e no Festival de Outono em Paris, em 2015. Interpreta o papel principal na estreia mundial da nova ópera de Manoury, *Kein Licht*, uma colaboração com Elfriede Jerlinnek e Nicolas Stemann apresentada em Paris, Berlim, Estrasburgo, Luxemburgo, Zagreb e na Ruhrtriennale em 2017.

Para além da música, tem uma vasta gama de interesses – fala sete línguas e foi nomeada Embaixadora da Amnistia Internacional devido ao seu papel activo pela defesa dos direitos humanos.

## **Remix Ensemble Casa da Música**

**Peter Rundel** *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de oitenta e cinco obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomàrico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel e Baldur Brönnimann, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona,

Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Madrid, Milão, Ourense, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Hamburgo, Luxemburgo e Bruxelas, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris) e Printemps des Arts (Monte Carlo). Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, o concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin no programa de encerramento do Festival Musica de Estrasburgo, *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis (uma encomenda da ECHO), *Da capo* de Peter Eötvös e a ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei, apresentada no Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão. Fez a estreia mundial da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi, com encenação de Nuno Carinhas, apresentada no Porto e em Estrasburgo. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo, Cité de la Musique em Paris, Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims.

Entre os projectos para 2016, merecem destaque as retrospectivas das obras de George Aperghis, Alfred Schnittke e Heinz Holliger, um projecto céenico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender com encenação de Nuno Carinhas, e a estreia mundial de novas composições de António Breitenfeld Sá-Dantas e Daniel Moreira.

O Remix tem treze discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist, Pascal Dusapin, Luca Francesconi

e Unsuk Chin. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin,

Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se junta em 2016 o nome de George Aperghis.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum "Follow the Songlines", gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista *Gramophone*. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica



do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

## **Coro Casa da Música**

**Paul Hillier** *maestro titular*

Desde a sua fundação em 2009, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros James Wood, Simon Carrington, Laurence Cummings, Andrew Bisantz, Kaspars Putniņš, Andrew Parrott, Antonio Florio, Christoph König, Peter Rundel, Robin Gritton, Michail Jurowski, Martin André, Marco Mencoboni, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Gregory Rose, Takuo Yuasa e Nicolas Fink, para além do seu maestro titular, Paul Hillier. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação da *Missa em Dó menor* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, a Sinfonia Coral de Beethoven, o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo, o *Requiem Alemão* de Brahms, a 3ª Sinfonia de Mahler, o *Messias* de Händel, o *Te Deum* de Charpentier, a *Oratória de Natal*, o *Magnificat* e Cantatas de Bach, a *História de Natal* de Schütz, o *Te Deum* de António Teixeira e o *Requiem* de Verdi.

Na temporada de 2016, o Coro Casa da Música volta-se especialmente para a música russa, interpretando as *Vésperas* de Rachmaninoff, o *Requiem* de Schnittke, o *Cântico do*

*Sol* de Gubaidulina, obras *a cappella* da Corte de Catarina, a Grande, e grandes obras corais sinfónicas de Prokofieff e Chostakovitch.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

## REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

### **Violino**

José Pereira

### **Viola**

Trevor McTait

### **Violoncelo**

Filipe Quaresma

### **Contrabaixo**

António A. Aguiar

### **Flauta**

Stephanie Wagner

### **Oboé**

José Fernando Silva

### **Clarinete**

Victor J. Pereira

### **Fagote**

Lurdes Carneiro

### **Trompa**

Dário Ribeiro

### **Percussão**

Manuel Campos

### **Piano**

Jonathan Ayerst

## CORO CASA DA MÚSICA

### **Sopranos**

Ângela Alves  
Eva Braga Simões  
Leonor Barbosa de Melo  
Joana Pereira  
Rita Venda  
Ana Caseiro  
Andrea Conangla  
Carla Pais  
Cristina Pamplona  
Luísa Barriga  
Bárbara Luís  
Heloísa Simões  
Lúcia Ribeiro  
Mariana Lopes  
Mariana Sant'Ana  
Sara Cruz  
Teresa Milheiro

### **Contraltos**

Ana Calheiros  
Brígida Silva  
Gabriela B. Simões  
Joana Valente  
Nélia Gonçalves  
Andreia Tiago  
Bernardete Felisberto  
Joana Leite Castro  
Leonor Abrunheiro\*  
Marisa Oliveira\*

Sara Cláudio\*  
Svitlana Oksyuta  
Ana Sadio\*  
Lisete F. Almeida\*  
Ângela Felisberto\*  
Neuza Talhão\*  
Francisca Marques\*

### **Tenores**

Almeno Gonçalves  
Gabriel Santos  
Hélder Bento  
Gonçalo Limpo Faria  
Luís Toscano  
Miguel Leitão  
Vitor Sousa  
Pedro Matos  
Sérgio Martins  
Fábio Borges  
João Paulo Ventura  
José António Dias\*  
José Carlos Mateus  
José Manuel Leite  
Pedro Figueira

### **Baixos**

João Barros Silva  
Nuno Mendes  
Pedro Guedes Marques  
Ricardo Torres

Ricardo Rebelo da Silva  
Carlos Meireles  
Carmino Carvalho  
César Freitas  
Francisco Correia Gomes  
Ivo Brandão  
Luís Neiva  
Mário Pimentel  
Nuno Ilharco Gonçalves\*  
Nuno Lopes  
Pedro Soares  
Simão Cardoso\*  
Tiago de Sá

### **Maestrina co-repetidora**

Marion Sarmiento

### **Pianista co-repetidor**

Luís Duarte

\*coralistas convidados

# ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

## **Violino I**

Zofia Wóycicka  
Maria Kagan  
Vladimir Grinman  
Ianina Khmelik  
Evandra Gonçalves  
Emília Vanguelova  
José Despujols  
Roumiana Badeva  
Alan Guimarães  
Andras Burai  
Ana Madalena Ribeiro\*  
Diogo Coelho\*  
Pedro Carvalho\*  
Flávia Marques\*

## **Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
José Paulo Jesus  
Pedro Rocha  
Paul Almond  
Francisco Pereira de Sousa  
Vitor Teixeira  
Nikola Vasiljev  
Domingos Lopes  
José Sentieiro  
Clara Badia Campos\*

## **Viola**

Samuel Barsegian\*  
Joana Pereira  
Anna Gonera  
Francisco Moreira  
Luís Norberto Silva  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Theo Ellegiers  
Rute Azevedo  
Jean Loup Lecomte

## **Violoncelo**

Feodor Kolpachnikov  
Gisela Neves  
Sharon Kinder  
Bruno Cardoso  
Aaron Choi  
Hrant Yeranosyan  
Américo Martins\*  
Miguel Fernandes\*

## **Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Nadia Choi  
Sławomir Marzec

## **Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer

## **Oboé**

Aldo Salvetti  
Luciano Cruz\*  
Roberto Henriques\*

## **Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
Gergely Suto  
João Moreira\*

## **Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov  
Pedro Miguel Silva

## **Trompa**

Hugo Carneiro  
José Bernardo Silva  
Eddy Tauber  
Pedro Fernandes\*  
André Maximino\*  
Telma Gomes\*

## **Trompete**

Sérgio Pacheco  
Ivan Crespo  
Luís Granjo

## **Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins

## **Tuba**

Sérgio Carolino

## **Tímpanos**

Jean-François Lézé

## **Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*

\*instrumentistas convidados



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

**mds**  
ORQUESTRAS DO PORTO

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

**OSMAE**

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

 **BPI**